

8/3/81

Artes Visuais

Três enfoques na mostra inaugural

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

A exposição inaugural do Centro de Artes Gráficas da Folha, como já divulguei, vai levantar a memória do jornal, numa extensão compatível com o espaço disponível. Será, obviamente, um roteiro sucinto, condensado, dando ênfase a três períodos.

Primeiro, o ano de 1921, ano da fundação deste jornal. Será ele revisto por ser o mais recuado e, portanto, despertar maior curiosidade, com reproduções de anúncios e textos, valendo como uma vitrina da época, abrangendo variados assuntos, inclusive a pintura, a escultura e a arquitetura, não muita coisa, que pouco sobre artes visuais foi então publicado.

Segundo, a obra de Belmonte, cuja produção foi intensa nos anos 30 e 40 (até 1947, quando o artista faleceu). Serão mostradas ilustrações e charges políticas (Belmonte se destacou na caricatura) abordando temas nacionais e internacionais (abragendo a 2.ª Grande Guerra); a obra de Belmonte será mostrada através de desenhos originais (destinados à impressão na Folha) e reproduções de desenhos impressos no jornal.

Terceiro, o quadriênio 1958/1962, quando a Galeria da Folha, sob a orientação de José Geraldo Vieira, se destacou no cenário paulista e mesmo brasileiro, revelando grandes artistas, incentivando carreiras e concedendo o Prêmio Leirner que, em alguns casos, foi o empurrão decisivo para a glória, a exemplo de Manabu Mabe: os premiados Leirner estarão presentes cada uma com uma obra — são 14 ao todo — de produção recente, pois que seria impraticável recolher os próprios trabalhos premiados, espalhados pelos museus do país, doados que foram por Isai e Felícia Leirner.

Estes três enfoques principais — 1921, Belmonte e Galeria de Arte — serão amarrados entre si com um painel fotográfico da gente desta casa, desde a fundação, que nestes 60 anos fez um dos principais jornais brasileiros. A exposição de fotos será resumida àquelas que ajudem na visualização da sequência concisa a que já me referi, evitando se constitua num painel enfadonho de fotos secundárias que pouco auxiliariam no registro da memória da Folha.

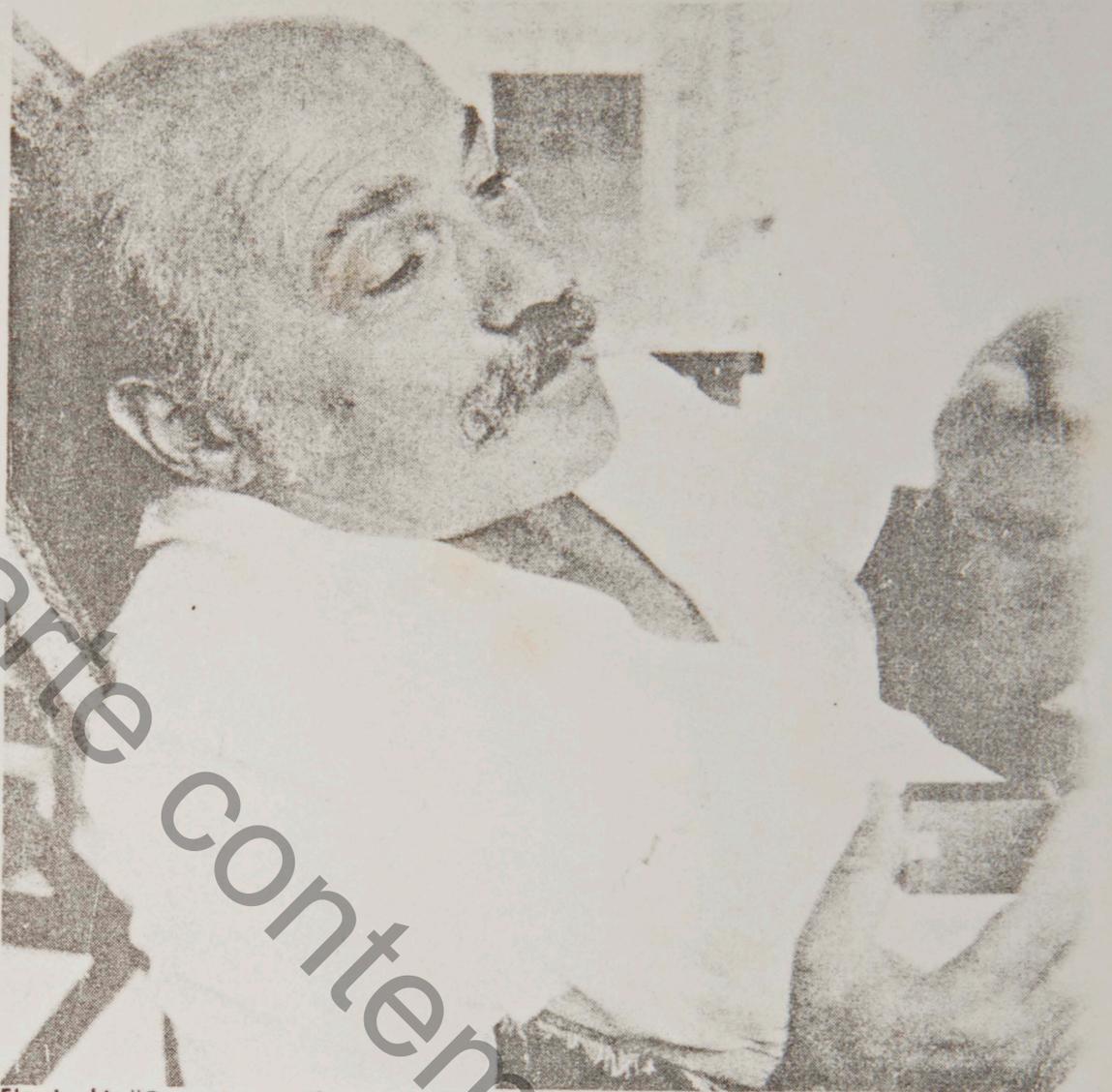
A história de corpo interior deste jornal, quem a desejar, terá no excelente volume elaborado por Carlos Guilherme Mota, atualmente no prelo, que retrata a Folha dentro do contexto sócio-político-econômico brasileiro.

OPINIÕES

Prosseguindo na divulgação de opiniões sobre o Centro de Artes Gráficas da Folha, mais quatro palavras nos chegaram, de Izar do Amaral Berlinck, de Anésia Pacheco e Chaves, de Hudinilson Urbano Júnior e de Hermelindo Fiaminghi.

"Parabéns pela idéia — disse Izar, fundadora do Nugrasp, Núcleo de Gravadores de S. Paulo, Prossegue: "Para artes gráficas só aceito uma categoria: a gravura gravada mesmo, como o talho doce sobre metal ou a xilogravura sobre madeira ou linóleo. Aceito porém, a litografia, desenhada sobre pedra apropriada e a serigrafia, sobre tela furadinha".

Izar do Amaral Berlinck acha que fora essas categorias, o resto é "tapeação". Diz: "Essa 'modernidade' com processo quase sempre 'tapeadores', como o fotográfico, é para quem não sabe gravar nem criar, nem desenhar e tem preguiça, indo para o mais fácil. É uma pena, mas a juventude (com exceções) está se perdendo, sempre procurando o caminho mais fácil, mesmo sendo desonesto. Sei de alguns que fizeram nome através da ajuda de um fotógrafo e de um transportador para o papel, por meios ilícitos com a projeção sobre ele ou sobre tela. Onde iremos parar? Ando até com um nó na



Fiaminghi: "Os artistas utilizam técnicas gráficas com timidez".



Hudinilson Jr.: "... um centro de documentação a partir dos novos mídias".



Izar: "Modernidade" com processos

Notas

Dentro de um critério de dar impulso à xerografia artística, a Pinacoteca do Estado instalou em suas dependências, no ano de 1980, uma máquina xerox franqueada aos artistas que desejem utilizar esse meio para suas pesquisas e realizações. Júlio Plaza,



... sempre procurando o caminho mais fácil, mesmo sendo desonesto. Sei de alguns que fizeram nome através da ajuda de um fotógrafo e de um transportador para o papel, por meios ilícitos com a projeção sobre ele ou sobre tela. Onde iremos parar? Ando até com um nó na garganta diante de tais despautérios”.

“Aprovo o Centro de Artes Gráficas da Folha — diz Izar —, pois fui das primeiras a contribuir para o bom êxito das exposições realizadas na Galeria da Folha, inclusive lá expondo com Jacques Douchez e Norberto Nicala”.

Anésia Pacheco e Chaves foi telegráfica: “Penso que o desenho deve ser considerado “arte gráfica”. Quanto menos se separar, especificar, segregar, compartimentar, melhor. Penso também que as mostras deveriam ser acompanhadas de debates sobre arte em geral e sobre os trabalhos expostos, talvez”.

Laboratório gráfico

Hudinilson Urbano Júnior, jovem artista integrante do grupo 3Nós3, acredita ser de extrema importância firmas particulares e/ou fundações apoiarem a nossa cultura nas diversas áreas da arte. “Suponho — diz — não ser este Centro formado com o intuito de apenas reafirmar o já conhecido e viciado circuito das artes ditas “oficiais” e firmar assim o mercantilismo puro e inconsequente que caracteriza as galerias e museus, mas poder, através de todos os equipamentos e recursos próprios da casa, funcionar como propulsor dinâmico da área da pesquisa e da documentação.”

Prosegue Hudinilson Jr.: “Como é próprio da mídia jornalística utilizar-se das formas atuais de visualidade (fotos, ilustrações, diagramação, etc.) julgo ser o lugar ideal para se criar um vasto centro de documentação e também de divulgação desta pesquisa visual, um centro de documentação do que se tem criado a partir dos novos mídias (xerox, heliografia, design, fotografia, holografia etc.) a nível nacional e internacional.

“A partir de seus (do jornal) recursos característicos, concluo ser também de extrema importância que o Centro funcione a nível profissional, com os artistas participando efetivamente do jornal, com o intuito de interação, veiculando seu (do artista) trabalho, divulgando discussões/debates de importância na área, contribuindo/influindo/interferindo na dinâmica do jornalismo.

“Penso neste último item a partir de experiência, já por nós vivida, quando fizemos publicar em “Artes Visuais”, em 1979, um texto/trabalho do grupo 3Nós3, do qual participo, e a partir de projeto por nós apresentado em 1980 (circuito da flecha) que, exatamente por não existir essa dinâmica, não foi realizado, mas que agora será editado por um jornal de João Pessoa, Paraíba, por ocasião da mostra do grupo 3Nós3 no Núcleo de Arte Contemporânea-NAC, a se realizar no mês de março.”

Hermelindo Fiaminghi por sua vez considera a TV, gráfica eletrônica porque a TV produz imagem a partir de uma retícula. Diz que a imagem via satélite, a holografia e outros “bichos” tornam obsoleta qualquer discussão para concluir o que é arte gráfica ou não é.

“As artes gráficas são hoje — afirma Fiaminghi — uma atividade ampla e abrangente. A tecnologia evoluída eletronicamente se coloca a serviço do artista plástico-poeta da metalinguagem. Tenho certeza que resultará daí novos conceitos de arte, ainda não formulados. A “Folha” com seu imenso parque gráfico, poderá fazer detonar novas manifestações de arte, ainda adormecidas ou timidamente enfocadas.

“Exceção feita à gravura e à lito — prossegue Fiaminghi — consagradas tecnicamente, o artista plástico vem se utilizando das novas técnicas gráficas ainda com timidez ou até romanticamente, por falta de recursos materiais ou por falta de um conhecimento mais amplo desses recursos: scanner, fotolito, fotomecânica, offset gravado, etc, cujas performances proporcionam enfoques novos em sua própria linguagem enquanto fazer/pesquisar, criar/produzir, dependendo só do olho e do comportamento de quem está por trás desses equipamentos.”

Conclui Fiaminghi: “Esse “laboratório” gráfico onde o artista plástico poderá se informar/dialogar/praticar novas técnicas, é um espaço novo que o Centro de Artes Gráficas da “Folha” poderá proporcionar às artes e à cultura.”

Dentro de um critério de dar impulso à xerografia artística, a Pinacoteca do Estado instalou em suas dependências, no ano de 1980, uma máquina xerox franqueada aos artistas que desejem utilizar esse meio para suas pesquisas e realizações. Júlio Plaza, Regina Silveira, José Wagner Garcia, Hudinilson Jr., Genilson Soares, Francisco Inarra, Marcelo Nitsche foram alguns dos artistas, entre outros, que se valeram desta possibilidade aberta pelo museu. A Pinacoteca do Estado também possibilita aos artistas a tiragem de edições de arte em xerografia, como a feita pelo artista cearense Benê Fonteles, em novembro de 1980.

Além deste aspecto artístico, um outro, funcional, foi possibilitado por essa instalação: boletins, folhetos e cartazes, passaram a ser impressos em xerografia, ampliando e facilitando a divulgação das atividades do museu, possibilitando melhor atendimento e orientação ao público. Assim surge, em fevereiro de 1981, o Boletim de Atividades em novo formato, a ser editado mensalmente, utilizando os recursos da linguagem xerográfica e impresso integralmente em xerox.

Dirigido aos artistas colaboradores e ao público frequentador do museu, este boletim está aberto à crítica e sugestões, no sentido de aperfeiçoá-lo como instrumento de divulgação da Pinacoteca do Estado e facilitar a interação entre o museu e seu público.

A Galeria Sesc Paulista (Av. Paulista, 119) promove, a partir do próximo dia 11 de março, mostra de gravuras em metal de quatro artistas: Jeanete Zeido, José Antônio Arantes, Luís Cláudio Mubarak, Madalena Hashimoto e Marco Buti.

A Corlidosp (tel. 273-9165), fruto do programa de colaboração existente entre o Museu Paulista da USP (Museu do Ipiranga) e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, realizará Curso de Difusão Cultural sobre “Restauração de Livros: o uso da técnica de velatura”, de 6 a 9 de abril próximos, sob a responsabilidade da profa. Gilda Lefebvre, chefe da Seção de Preservação e Restauração da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Desde 5 de março, o fotógrafo Mário Paiva Jr. estará expondo seus trabalhos no Museu de Arte de São Paulo. São 17 fotografias, que retratam pessoas e cenas da vida inglesa, elaboradas quando o artista lá esteve, cursando fotografia no “West Surrey College of Art and Design”, por 3 anos.

Paulista, 32 anos, Mário trabalhou em “O Estado de São Paulo”, “Jornal da Tarde”, e na Abril Cultural, como free-lancer. Tendo voltado a São Paulo no ano passado, atualmente está trabalhando para as revistas “Vogue”, “Senhor”, “Gourmet”, “Isto É”, etc.

A exposição — a primeira que realiza em São Paulo — estará aberta até o dia 22 de março.

O Jogo Estúdio reiniciará suas aulas amanhã, oferecendo dois cursos de artes plásticas: “Desenho/Desinibição do traço”, com Silvio Dworecki, arquiteto e artista plástico, professor da FAU-USP e da FAAP e “Iniciação à gravura em metal”, com o artista



Gravura em metal de Jeanete Zeido.



Auto-retrato de Lasar Segal (1919), exposto

Márcio Périgo. Maiores informações Inocêncio Unhaté, 120 (Perdizes) telefone 62-4057.

“Museu de Imagens do Inconsciente”, edição Funarte, vol.2 da coleção “Museu de Imagens do Inconsciente”, coordenação e prefácio de Mário Paiva Jr. reúne ensaios críticos de Ferreira Gullar, José Lins do Rego, Sérgio Milliet, Marjorie Perle, José Marinho de Azevedo e da direção do Museu, Nise da Silveira. Ilustrado com reproduções de guaches, óleos, desenhos e modelagens, em fotos de Humberto Fraga. Edição de 5 mil exemplares, 192 páginas, livro, durante o período da promoção, a venda no Teatro Lira Paulistana; a aquisição poderá ser adquirida na loja da Funarte em São Paulo (Rua Apollônio Campos Eliseos).

Mary Zilda Grassia Sereno, 72 anos, meira repórter fotográfica do Brasil, está expondo, a partir da próxima terça-feira, às 20,00h, na Galeria SESC Carmo (Rua do Carmo, 147) fotos de personalidades da política e esportiva da atualidade e da antiga cidade de São Paulo, realizadas nas décadas de 40, 50 e 60.

A fotógrafa trabalhou nos jornais “Folha de São Paulo”, “O Dia”, “O Clarim”, “A Manhã”, “A Gazeta”, todos de São Paulo. Seu trabalho poderá ser visto até 29 de março.

O Museu Lasar Segall inaugura na Sala I, a 12 de março, a exposição “Fotografia e Documentação: o Trabalho de Herman Graeser”, que ficará aberta até 26 de abril.

O Museu Lasar Segall continua com a mostra mais um de seus ciclos de exposições. Dado às suas características específicas, o Setor Fotográfico do Museu Lasar Segall constitui em centro de atividades e discussões sobre fotografia, talvez única em São Paulo.

Nada mais justo, portanto, que o Museu Lasar Segall dedique também a este campo, parte da sua programação de exposições e também nada mais adequado do que uma seleção significativa da obra fotográfica de Herman Graeser, falecido em 11 de maio de 1978, após ter, durante mais de vinte anos, atuado como perito e conservador do Patrimônio Histórico e Artístico, onde foi auxiliar de Mario de Andrade. Aliás, esta exposição tanto contribui para a divulgação das fotografias de cunho pessoal como de caráter documental, só foi possível graças à boa vontade do Spham que emprestou uma seleção de fotografias de Graeser, escolhida do acervo que o Patrimônio conserva.

Concomitantemente, nas salas 2 e 3, apresenta exposição “Algumas Primas de Lasar Segall”, aberta até maio.